

ENSINO DE HISTÓRIA E RECURSOS AUDIOVISUAIS

Iandra Pavanati¹

São apresentados os resultados desenvolvidos no Mestrado em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. O foco da pesquisa intitulada: *Professores de História: o processo de construção desses profissionais e a didática que incorpora o uso de recursos audiovisuais* incidiu nos professores que fazem uso de imagens visuais e sonoras em sua prática docente, isto é, localizaram-se depoentes que de algum modo conseguem superar as dificuldades cotidianas e ainda buscam alternativas na atuação profissional. Selecionados cinco *sujeitos-a-serem-pesquisados*², os quais se dispuseram prontamente a colaborar com o trabalho, buscou-se entender, por meio do convite à reflexão de suas vivências, o significado que atribuem ao uso de linguagens audiovisuais e como estas se tornaram significativas a tais *sujeitos-da-educação*, refletindo-se em suas práticas³.

Para esse fim, contribuiu a categoria de *experiência* e, segundo os autores Edward Palmer Thompson⁴, Jorge Larrosa Bondía⁵ e Joan Scott⁶, visualizou-se a atribuição de significados às práticas dos professores pelas suas *experiências* construídas desde a infância, pois, tal como estes três autores trabalham o conceito *experiência*, é possível elaborar uma concepção da qual os sujeitos são historicamente construídos. Portanto, cada sujeito percebe e narra as suas vivências de modo particular, uma vez que as *experiências* são aquilo que acontece a cada sujeito, que o toca e que é assimilado por ele em consequência de uma atitude reflexiva e disponível à transformação. Com isso, não é negada a dimensão da totalidade histórica na delimitação das ações e das vivências individuais, apenas, o conceito de experiência revelou, a esta pesquisadora, que as ações e vivências individuais não são o puro reflexo de uma ordem econômico-política.

Procedendo como o descrito no parágrafo anterior, foi possível reconhecer a infância e as vivências em família e na escola dos depoentes como momentos importantes à compreensão das suas práticas docentes, pois estes inscrevem significados a justificarem

muitas escolhas didáticas dos professores – as quais são anteriores à sua formação superior e influenciam também na escolha da profissão. No segundo capítulo, foram analisados estes momentos das vidas dos depoentes e percebeu-se que a rua era o espaço das brincadeiras, estando sempre presente outras crianças. Os depoentes, mesmo aqueles que vivenciaram a sua infância em centros urbanos, descrevem-na como ausente de preocupações com segurança, não havia violência e os pais não precisavam estar por perto enquanto estivessem brincando.

Alguns depoentes descreveram ter descoberto, ainda na infância, o prazer da leitura – que também era percebida como uma brincadeira, um lazer. Uma depoente apontou o desejo desde muito pequena em aprender a ler, por conviver com os irmãos mais velhos e que passavam horas defronte aos livros, que não tinham nem os atrativos das imagens tal como aparecem na literatura infantil. Isso estimulava a sua imaginação das maravilhas que deveriam estar escritas ali.

No entanto, os contextos de descoberta do gosto pela leitura são bem particulares. Dois depoentes não receberam da família o estímulo à leitura, mas esta passou a ser uma forma de superar, num caso, as interdições dos pais evangélicos às brincadeiras na rua e noutro caso a leitura ajudou a superar as frustrações com a escola muito disciplinadora.

Percebe-se, nesta pesquisa, em conformidade ao anunciado por Maria Isabel da Cunha⁷, que apesar das famílias valorizarem os estudos, elas não influenciaram diretamente na escolha profissional dos depoentes. Segundo a autora “o encaminhamento profissional parece principalmente um aspecto muito relacionado à trajetória de vida” (p. 82). Nos depoimentos de dois professores, as vivências com os avós indicaram, em parte, suas escolhas pela profissão de professor, pois os depoentes descrevem casos e o modo como estes lhes eram contados, a estimularem as suas imaginações. No entanto, foi na escola e a partir da quinta série do Ensino Fundamental, em contato com as professoras de História, que estes casos dos avós adquiriram sentidos enquanto reveladores do gosto por esta área do conhecimento.

Há casos em que a descoberta do gosto pela profissão de professor também foi se delineando na escola, ainda nos seus primeiros anos. Uma depoente lembrou da acolhida e do carinho recebidos da primeira professora, e outra, do incentivo e estímulo às suas capacidades provenientes da professora da quarta série.

A partir das análises das lembranças da infância dos depoentes foi possível visualizar um conceito que emergiu da empiria e que se relaciona com a escolha daquilo que é lembrado: as **marcas de memória**. Estas propiciam aos depoentes selecionarem o que lembrar. Considerando os estudos de Ecléa Bosi⁸, em que a autora parte do que os depoentes escolhem para ser perpetuado em suas vidas, a **categoria de marcas de memória**, que emergiu na presente dissertação, seria o ponto de onde partem os fios das lembranças, o ponto de partida dos *trabalhos de memória*.

Interpretando as descrições dos depoentes percebeu-se que as suas infâncias, enquanto vivências que ocorriam na rua e em companhia de outras crianças, eram lembradas positivamente. Por outro lado, quando as recordações dessa fase reportavam-se às relações dos depoentes com os adultos, a positividade daquelas infâncias passava a ser algo relativo e surgiam outros sentimentos, para além do prazer descrito anteriormente.

Duas depoentes, as quais começaram a trabalhar como professoras na década de 1970, apontaram como significativo um momento em suas vidas: a Reforma Educacional de 1971. Esta se constitui em **marca de memória**, pois influenciou na seqüência do depoimento, na escolha e seleção das lembranças a serem refletidas e ditas à pesquisadora.

Uma depoente, lembrando dos tempos de aluna secundarista, descreveu, em específico, os transtornos da Lei 5692/71. Como exemplo ela citou a extinção do curso Clássico que freqüentava e a implantação dos cursos técnicos em substituição – não tinham estrutura para funcionarem. Isso gerou na lembrança da depoente, referente ao período em questão, uma sensação de vazio educacional.

A autora Selva Fonseca⁹ também visualizou nos depoimentos de professores a descrição negativa desse período. Ela cita uma depoente que até verbalizou sobre a

intenção de não desistir da profissão por não saber fazer outra coisa. No caso da presente dissertação, vale indicar que outra depoente até fez uma nova graduação, em Biblioteconomia, por sentir a profissão de professor de História ameaçada pela disciplina de Estudos Sociais, criada naquela época.

Para melhor analisar a didática que incorpora recursos audiovisuais foi necessário, no transcorrer da pesquisa, realizar um estudo bibliográfico de obras que teorizam sobre estes recursos.

Percebe-se, segundo Ulpiano Meneses¹⁰, que na historiografia falta uma efetiva produção de conhecimento sobre as fontes visuais e, de acordo com o autor, apenas se avançou em múltiplos enfoques no conhecimento acerca das fotografias. Considerando a fotografia enquanto documento histórico, analisou-se, nesta dissertação, as obras de Miriam Moreira Leite (2001), Ernesta Zamboni (1998), Ciro Flamarion Cardoso e Ana Maria Mauad (1997), Eduardo França Paiva (2002), Marilena Chauí (2004) e Susan Sontag (2004)¹¹.

Os autores citados discutem meios de superar o caráter de verdade atribuído à fotografia e propõem pensá-la enquanto construções dos sujeitos e de uma época. Também foram considerados autores como Tattiana Tessye F. da Silva¹². Ela propôs o uso didático do cinema superando o seu caráter de ilustração para os conteúdos históricos, considerando os elementos dos quais é composto: a música, o cenário, a colocação de câmeras, o movimento, a análise do perfil dos personagens, etc. Já os autores Maria Izilda S. de Matos e Alexandre Felipe Fiúza¹³ pensam a música enquanto possibilidade de evidenciar diferentes leituras da realidade e de interpretação do contexto dos seus produtores e ouvintes.

A partir da discussão desses autores – cada qual contendo as especificidades necessárias ao tipo de documento que estuda – tornou-se importante também uma discussão dos reflexos dessas novas fontes, provocados na sociedade atual.

Solange Jobim e Souza¹⁴ aponta como consequência da “hiperestimulação”, a que os sujeitos modernos estariam vivendo, uma “estetização da vida cotidiana”. Esta tornaria complicada a articulação de tantos estímulos, dificultando a produção de experiências por

esses sujeitos. No entanto, a saída pensada pela autora está, não na busca por um retorno ao passado livre de tantos estímulos visuais e sonoros – que para ela seria impossível – mas sim na construção de uma formação educativa dos sujeitos por meio da articulação entre as linguagens escritas e audiovisuais.

Analisando o depoimento de um professor, foi possível perceber a aplicação didática da articulação de recursos pedagógicos diferenciados na aula em que pediu para os alunos ouvirem uma música composta por Tcheikowski para a celebração da vitória russa contra Napoleão Bonaparte. O depoente utilizou a música para estimular nos alunos a construção de imagens mentais sobre este acontecimento histórico – ainda não estudado em sala. Somente nas aulas seguintes que foi incorporado leitura de textos historiográficos.

Dos depoimentos de duas professoras, emergiram as preocupações com o uso dos audiovisuais em relação às possibilidades tecnológicas existentes nas escolas – que são muito restritas. As depoentes revelaram um problema para além do preparo dos professores em trabalharem com recursos variados, mostraram-se conscientes das necessidades de se considerar no ensino os diversos recursos didáticos, no entanto, nem sempre a escola dispõe dos meios necessários para a realização dos seus projetos de trabalho. Desse modo, ou os professores desistem da atividade, ou arcam sozinhos com todos os custos dos materiais necessários.

A depoente que possui também a graduação em Biblioteconomia apontou a importância das suas vivências em contato com a produção e catalogação de filmes para a sua prática pedagógica. A hipótese dessa pesquisa – de que as experiências vividas pelos professores influenciam no modo como os mesmos desenvolverão as suas aulas – confirmou-se na análise do depoimento desta professora. Ela consegue usar o cinema enquanto documento em sala de aula muito em decorrência de já ter trabalhado como bibliotecária por sete anos na Embrafilme, empresa que co-produzia filmes brasileiros.

O depoente que descreveu a sua didática com a música, também possui vivências significativas no campo musical, pois desde a infância aprendeu a tocar instrumentos – sabe tocar oito atualmente.

Nas vivências de outro professor também se percebeu a produção dos significados da sua didática com a coluna do Macaco Simão do jornal Folha de São Paulo, pois ele trabalha com esta coluna visando construir nos seus alunos o comportamento crítico frente aos acontecimentos históricos. Para o depoente, esta postura crítica é significativa, pois foi sendo desenvolvida a partir das suas experiências traumáticas de aluno em uma escola repressora. Em decorrência disso, empenha-se em possibilitar aos alunos a capacidade de se posicionarem criticamente contra o autoritarismo existente na sociedade. Exemplar da importância dessa didática deu-se na descrição feita pelo depoente ao visualizar a participação dos seus alunos no movimento contra o aumento das passagens de ônibus em Florianópolis – meados de 2004, quando os alunos saíram à rua e passaram a acompanhar nos jornais locais a cobertura das manifestações, com senso crítico, muito em função do seu trabalho em sala de aula com os jornais.

Após a análise dos depoimentos de cinco professores de História que utilizam recursos audiovisuais em suas didáticas, pensa-se que, a estes sujeitos, tais recursos assumem um papel pedagógico importante e oportuno porque não se constituem no centro da ação didática, isto é, o seu uso emerge na interlocução entre diversas linguagens, como as narrativas escritas, faladas, imagéticas, musicais e tantas outras por eles adotadas. Além disso, os recursos audiovisuais estão condicionados a uma determinação de conteúdos e métodos que envolvem a organização docente da aula.

Esta dissertação, portanto, indicou que o uso de recursos audiovisuais funciona à medida que, aos depoentes, nada é espontâneo e tudo é construído na intencionalidade do fazer profissional. O estudo das lembranças desses profissionais revelou que as limitações encontradas no cotidiano escolar serão superadas quando um universo maior de *sujeitos-da-educação* se responsabilizarem a pensar a prática docente pela atitude do estranhamento do cotidiano escolar. Talvez esse seja um ponto de partida à construção da tão propalada educação pública de qualidade.

¹ Graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, professora do Ensino Médio da rede pública estadual de SC.

² Os cinco depoentes desta pesquisa são professores de História, atuando na Educação Básica há mais de cinco anos, com idades entre 26 e 52 anos, sendo três do sexo feminino e 2 do sexo masculino, os quais utilizam recursos audiovisuais nas suas didáticas.

³ A metodologia desenvolvida na obtenção das falas dos professores foi a descrita por Meksenas: “Depoimento consiste em um ‘método de organização’ da coleta de dados a respeito de determinado tema e a partir da realização de entrevistas não-diretivas (...). Diferente da história de vida, em que o trabalho de memória é levado à exaustão na reconstrução da narrativa de vida do sujeito investigado, o depoimento propõe um corte de tempo e de espaço nessa narrativa. Isto é, de posse do tema de sua investigação, o pesquisador localiza ‘sujeitos significativos’ que narrem suas experiências apenas em relação ao tema proposto” MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas.** São Paulo: Loyola, 2002, p. 129.

⁴ THOMPSON, E. P. (Tradução de Waltensir Dutra) **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

⁵ BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação.** Campinas, SP: Autores Associados, n. 19, 2002, p.20-8.

⁶ SCOTT, Joan. Experiência. (Tradução de Ana Cecília Acioli Lima) In: SILVA, Alcione L. da; LAGO, Mara Coelho de S.; RAMOS, Tânia Regina (orgs.). **Falas de gênero: teorias, análises, leituras.** Florianópolis: Editora Mulheres, 1999, p. 21-55.

⁷ CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática.** Campinas, SP: Papyrus, 1989.

⁸ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁹ FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: história oral de vida.** Campinas, SP: Papyrus, 1997.

¹⁰ MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: ANPUH/Contexto, vol. 23, nº 45, 2003, p. 11-36.

¹¹ LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. ZAMBONI, Ernesta. Representações e linguagens no ensino de História. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: ANPUH/Contexto, vol. 18, nº 36, 1998, p. 89-101. CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia.** Rio de Janeiro: Campus, 1997. PAIVA, Eduardo França. **História & imagens.** Belo Horizonte: Autêntica, 2002. CHAUI, Marilena. **A forma da violência.** Folha de São Paulo, São Paulo, 20 jun. 2004, Caderno Mais, p. 12-13. SONTAG, Susan. (Tradução de Rubens Figueiredo) **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

¹² SILVA, Tattiana Tessye F. da. Um olhar sobre o filme (para uso e abuso dos professores de história). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA, 7, 2000, Ijuí. **Anais.** Ijuí: Editora da UNIJUÍ, 2000, p. 295-304.

¹³ MATOS, Maria Izilda S. de. História e música: reflexões, pesquisa e ensino. **Revista do Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas: Área de Conhecimento: História.** São Paulo: IBEP, ano 1, nº 3, julho de 2001, p. 58-62. FIÚZA, Alexandre Felipe. “Deixa cantar de novo o trovador”: considerações acerca do trabalho com a canção na sala de aula. **Revista do Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas: Área de Conhecimento: História.** São Paulo: IBEP, ano 1, nº 3, julho de 2001, p.63-67.

¹⁴ JOBIM e SOUZA, Solange. Os paradoxos da imagem e a experiência com o conhecimento e a cultura. In: JOBIM e SOUZA, Solange (Org.). **Mosaicos: imagens do conhecimento.** Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2000, p. 15-22.